
CONSERVADOR E MUSEÓLOGO: ABORDAGEM DE CONCEITOS

Texto 1

José Manuel BRANDÃO

A proliferação de Museus regionais e locais bem como de parques, reservas e áreas protegidas a que se tem vindo a assistir um pouco por toda a parte, é sintoma do despertar de um novo interesse pelas questões da preservação e salvaguarda do património natural e cultural.

Este movimento, mais nítido nas duas últimas décadas, é também corolário da revalorização do papel que os Museus têm vindo a desempenhar na sociedade, fruto sobretudo, da tomada de consciência do valor intrínseco que as exposições têm, tanto para o desenvolvimento de capacidades e aptidões dos indivíduos, como para a sua própria integração social.

O nosso país não tem sido estranho a esta movimentação, que, pode dizer-se, despoletou subitamente com o novo clima social criado pelo 25 de Abril e tem vindo a amadurecer ao longo dos anos, ultimamente de uma forma mais pensada.

Assim se justifica que encontremos já um quadro legal bem definido, em que a par de regulamentos, definição de carreiras e outras recomendações específicas, se definem os Museus como "*...instituições permanentes ao serviço da sociedade e do seu*

desenvolvimento, sem fins lucrativos e abertos ao público, que fazem investigação sobre os testemunhos materiais do Homem e do seu ambiente, ao mesmo tempo que os adquirem, conservam e expõem para fins de estudo, educação e recreio" (Dec-Lei 45/80 de 20 de Março).

Para a prossecução dos objectivos a que se propõem os Museus, a legislação define um quadro de pessoal técnico e de apoio, no qual os conservadores são assumidos como os principais intervenientes na elaboração das políticas de actuação das respectivas instituições.

Velhas e Novas Práticas

A tomada de consciência da força que as mensagens "passadas" pelos Museus têm, como contributos para o desenvolvimento integral dos cidadãos, permitiu reequacionar o seu posicionamento social destas organizações, concluindo-se que na sociedade actual as funções que os Museus devem desempenhar já não são consentâneas com as exposições-repositórios de curiosidades tradicionalmente produzidas e mantidas, nem mesmo os espaços que tradicionalmente lhes têm sido atribuídos, isto é os edifícios (independentemente da sua funcionalidade e equipamento).

É nesta perspectiva que muitos Museus têm vindo a defender, ao entenderem que a função museológica é fundamentalmente um processo de comunicação que serve para estabelecer uma interacção

da comunidade com os processos e os produtos culturais. Assim, fazendo apelo a novas museografias, recorrendo às novas tecnologias de comunicação e revalorizando o significado dos materiais exibidos têm vindo a renovar completamente as suas exposições, e o modo como estas são concebidas e montadas, criando de si próprios uma nova imagem.

Quando nos propomos analisar o conjunto de Museus que conhecemos, deparamos sem grande dificuldade com a existência lado a lado com dois grandes tipos de Museus, que perseguindo diferentes objectivos e atingindo diferentes públicos, podemos, em certa medida, assimilar as duas diferentes facetas ou correntes da Museologia: por um lado a visão clássica da função museal, na linha da qual são produzidas e mantidas exposições "científicas" sobre as mais variadas matérias; por outro uma "nova Museologia", prática emergente da verificação de que os *Museus contém os elementos que possibilitam a consciencialização das comunidades em que se inserem e que os Museus devem estar ao serviço da sociedade* (Declaração de Santiago, 1972).

Pautando-se pelas linhas tradicionais, vamos encontrar os grandes Museus tutelados pelos Governos ou ligados a grandes instituições culturais: seguindo a outra linha de trabalho, vamos encontrar alguns Museus de âmbito local, muitos deles de menores dimensões, que embora não dispendo do "mediatismo" dos anteriores

estabelecem fortes laços com a população e "passam" mensagens com muito maior facilidade.

Em contraste temos pois, Museus centrados no engrandecimento das suas colecções, canalizando para elas os recursos necessários à sua preservação, conservação e exibição, e os *Museus de comunidade*, em que a acção se desenvolve não sobre os objectos mas sobre as pessoas que os criaram e os utilizam; noutra perspectiva poderia dizer-se que o contraste se nota também pelas exposições surgem não para "dar ar às peças" ou para mostrar o que valem os seus conservadores, mas pela produção de exposições que resultam duma necessidade sentida e participada pela comunidade, que nelas se revê".

Em ambos os casos há necessariamente uma diferença abismal entre o conteúdo das mensagens e da sua formalização, havendo apenas em comum, o rigor que as duas respeitam. No primeiro caso temos uma linguagem hermética, codificada, atigindo apenas públicos determinados; no segundo, as mensagens são simples e abrangentes, de forma que qualquer pessoa as possa apreender e interiorizar.

Este contraste é ainda mais nítido no caso específico dos recentes ecomuseus, onde em vez de um espaço limitado se tem toda uma região e em vez de uma colecção se tem toda uma comunidade com o património que a caracteriza.

Conservadores ou Museólogos ?

A assunção de que os Museus, devem constituir-se em instrumentos eficazes para o fortalecimento da identidade cultural das populações e fomentar a consciencialização destas para os problemas da preservação do meio ambiente, filosofia subjacente aos conceitos de ecomuseu e/ou museu de comunidade, fizeram emergir a necessidade de novos profissionais, cujo perfil se distancia do perfil do conservador que conhecemos.

Estes novos agentes de acção museológica, têm sobretudo por função conciliar novas formas de gestão dos recursos à sua disposição com uma profunda democratização da sua utilização, de modo a que possa ser revalorizada a vivência das comunidades às quais estão intimamente ligados.

Claro que esta perspectiva, marca uma situação de tensão ou mesmo rotura entre dois tipos de profissionais da museologia: os *conservadores* tradicionais e os "novos" *museólogos*.

Investigador, animador, cenógrafo, são apenas alguns dos atributos que à primeira vista nos parecem fundamentais no perfil deste "novo" profissional, a quem se exige ainda a visão de que o *Homem, a Natureza e a Cultura formam um conjunto harmónico e indivisível* (Declaração de Caracas, 1992). Entre as suas principais

preocupações deverá estar portanto a problemática do Homem enquanto que ser eminentemente social.privilegiada

Ao museólogo cabe a tarefa privilegiada de promover amplas e profundas investigações sobre a comunidade em que está inserido o Museu, procurando nela a fonte de conhecimentos para a compreensão do seu processo cultural e social e envolvendo-a nos processos e actividades museísticas desde a investigação e colheita até à sua preservação e exposição.

Como cenógrafo, cabe-lhe a missão espinhosa de conceber e aproveitar os espaços e recursos à sua disposição, para provocar o total envolvimento e identificação dos utilizadores do Museu com as exposições concebidas, sabendo que a ambiência é um dos mais importantes passos para captar a atenção e assim conseguir "fazer passar" mensagens. Entenda-se esta ideia de uma forma suficientemente elástica para que nela tanto possam caber as exposições realizadas em espaços tradicionais como a exposição dos objectos e actividades na sua própria ambiência comunitária, isto é o local e o "clima social" inerente a cada um dos objectos museológicos.

Em oposição a este perfil profissional, temos o conservador "clássico", a quem tem competido além de tarefas mais específicas ligadas à sua área de especialidade (nomeadamente a investigação, a conservação e o restauro das peças que constituem o acervo das respectivas instituições), a responsabilidade da aquisição e gestão das

colecção, além do planeamento das actividades e a liderança de grupos em visitas guiadas.

Em muitos casos, têm sido os conservadores a assegurar a gestão da instituição a que se encontram vinculados, desempenhando em simultâneo com a sua missão principal, um papel de programador, educador, gestor etc., enfim tarefas para as quais nem sempre estão muito vocacionados ou possuem o perfil adequado, e que decorrem em detrimento das acções mais estritamente ligadas à sua esfera de actividade.

Compatibilidade ou Incompatibilidade ?

Mesmo no quadro de acção da "Nova Museologia", ou melhor no quadro de uma "Museologia comunitária", o conservador pode ter um importante papel a desempenhar, mas numa esfera de acção mais específica e técnica, cabendo-lhe a delicada tarefa de conservação de peças cujo valor é com frequência elevadíssimo.

Como especialista, cabe-lhe ainda aprofundar a investigação no sentido de poder fornecer tanto aos Museólogos como aos utentes dos Museus, a informação necessária à compreensão das peças e ao seu enquadramento temporal e espacial, dando deste modo aos materiais estudados a sua dimensão cultural, histórica e humana. O conservador está também, à partida, bem posicionado para participar na definição da política de aquisições do Museu.

Formação Profissional

A profissionalização dos trabalhos dos Museus é uma tarefa fundamental e prioritária, para que estas instituições possam efectivamente contribuir para o desenvolvimento das comunidades.

De entre os vários intervenientes, sem dúvida que os Museólogos e os conservadores são os protagonistas principais, devendo-se assim uma particular atenção e termos de formação e valorização profissional.

A formação ministrada a estes agentes, deve poder capacitá-los para desenvolver as tarefas interdisciplinares inerentes às exigências dos Museus actuais, isto é dotá-los dos instrumentos indispensáveis para exercer uma liderança social, uma gestão de recursos eficiente, uma comunicação eficiente e um fornecimento adequado de respostas às necessidades das comunidades.